



# Soeiro Pereira Gomes

**Intellectual revolucionário  
animador cultural e associativo  
combatente da clandestinidade  
dirigente do Partido Comunista  
Português, Soeiro Pereira Gomes  
testemunha exemplarmente  
através da sua vida e da sua obra  
o profundo compromisso com a  
luta pela libertação dos  
explorados e oprimidos, pela  
democracia e pelo socialismo.**

Exposição evocativa nos 50 anos da sua morte  
(Dezembro de 1949 – Dezembro de 1999)



**Cronologia  
das Lutas Sociais  
no Baixo  
e Alto Ribatejo  
entre 1943 e 1947**

Em Maio de 1943, os operários agrícolas de Vila Franca de Xira recusam, nas respectivas praças de jorna, as condições de trabalho do patronato e apredejam a GNR.

Em Maio de 1943, os operários agrícolas de Salvaterra de Magos iniciam uma greve e exigem aumento de salário.

Em Maio de 1943, a população de Espinheiro (Alcanena) toca o sino a rebate, mobiliza-se e impede a saída de géneros.

Em Junho de 1943, os trabalhadores da Fábrica de Cimentos Tejo, em Alhandra (Vila Franca de Xira), esperam em concentração o patrão e exigem-lhe aumento de salário.

# Quem foi Soeiro Pereira Gomes?

Joaquim Soeiro Pereira Gomes nasceu em 1909 na aldeia de Gestação, concelho de Baião, constituindo com seus irmãos Jaime, Alfredo e Alice, a almejada descendência de uma família de pequenos agricultores do Douro.

Ainda catraio e ao colo do pai, aprendera a distinguir e juntar as letras no «Primeiro de Janeiro», antes de rumar aos carcomidos bancos da escola primária.

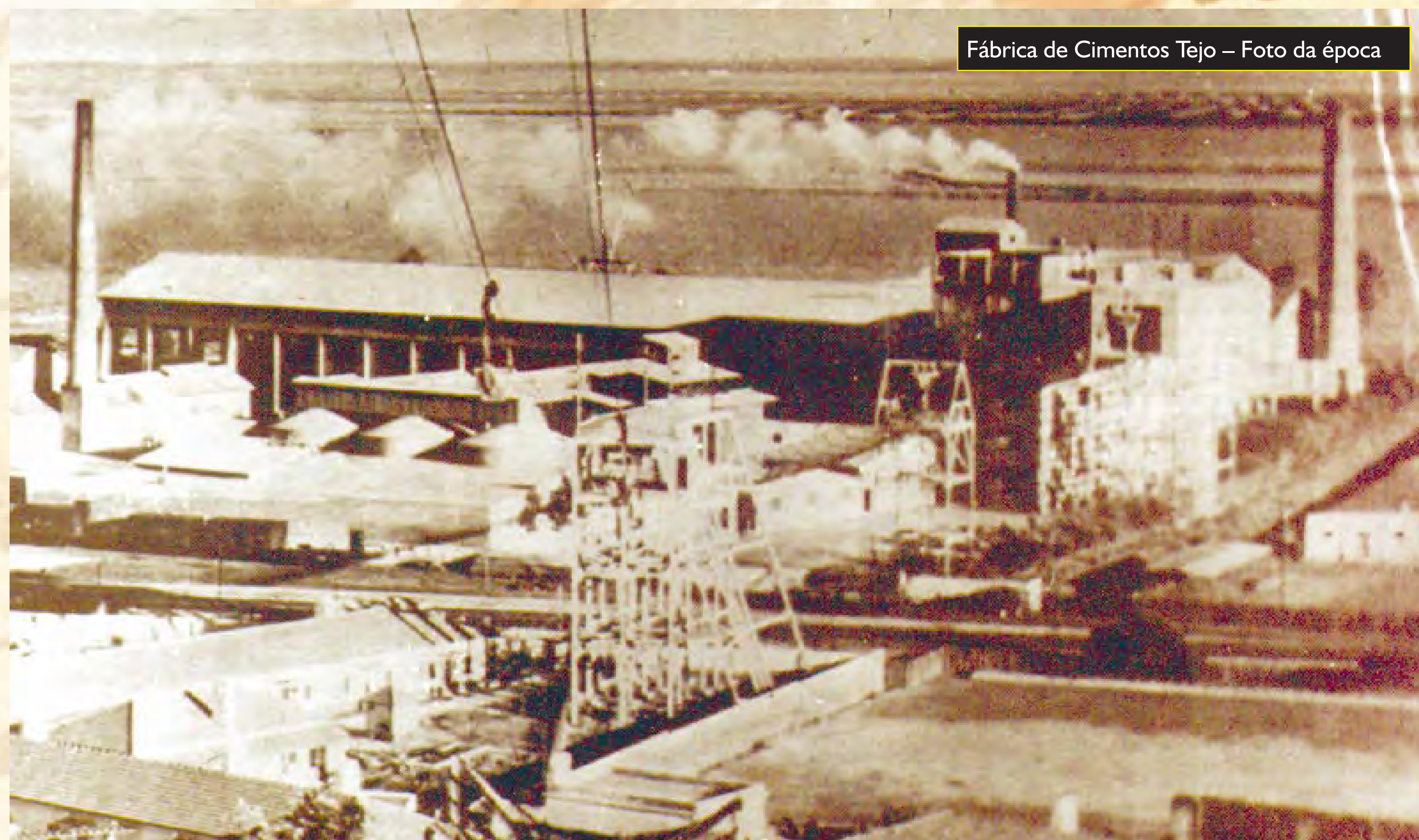
Ultrapassada a infância, vai para a Escola Agrícola de Coimbra, onde tira o curso de regente. Munido dessas habilitações, aceita um contrato da Companhia da Catumbela, embarcando para Angola em 1930.

Mas a experiência africana resultou negativa, quer pelos rigores do clima quer pelas condições de trabalho, e Soeiro regressa a Portugal em 1931.

Nesse mesmo ano, casa com Manuela Câncio Reis e fixa residência em Alhandra, como empregado de escritório da fábrica «Cimento Tejo».

Em 22 anos, Soeiro fora menino no Douro, adolescente em Coimbra e iniciava a vida adulta no meio operário da indústria de cimento, com uma efémera passagem pela então colónia de Angola.

Essa peregrinação cedo lhe proporcionou a observação de desigualdades e contrastes sociais que, captados por um espírito lúcido e atento, prontamente levedaram no cidadão inquieto, cuja consciência social progressivamente se rebelava contra a «ordem» do Estado Novo de Salazar.



Fábrica de Cimentos Tejo – Foto da época



## Cronologia das Lutas Sociais no Baixo e Alto Ribatejo entre 1943 e 1947

Em Abril de 1944, os camponeses de Cachoeiras (Vila Franca de Xira) estão uma semana sem trabalhar, exigindo mais pão.

Em Abril de 1944, os camponeses da Golegã e de Riachos (Torres Novas) param uma semana, exigindo mais pão.

Em Abril de 1944, os camponeses de Espinheiro e Monsanto (Alcanena) organizam uma concentração contra a falta de géneros.

Em 3 de Abril de 1944, os operários agrícolas do Vale de Santarém declaram-se em greve contra as novas condições de trabalho.

Em 8 e 9 de Maio de 1944, os trabalhadores iniciam greve de dois dias pelo pão e pelos géneros. No concelho de Vila Franca de Xira as populações de Cotovios, A-dos-Loucos, São João dos Montes, A-dos-Bispos e Rondulha organizam marcha da fome.

Em 8 e 9 de Maio de 1944, os trabalhadores iniciam greve de dois dias pelo pão e pelos géneros. No concelho de Vila Franca de Xira, em Alhandra, paralisam a Fábrica de Cimento Tejo, Fábrica de Penteação de Lãs, Sociedade Têxtil do Sul e Fábrica de Pigmentação e Descasque de Arroz. Organizam marcha da fome para Vila Franca de Xira.

Em 8 e 9 de Maio de 1944, os trabalhadores iniciam greve de dois dias pelo pão e pelos géneros. No concelho de Vila Franca de Xira paralisa a Empresa Soda Póvoa. Organiza-se marcha da fome para Sacavém, à qual aderem os trabalhadores de Vialonga, Granja e São Julião do Tojal.

Em 8 e 9 de Maio de 1944, à voz do PCP, os trabalhadores da construção civil de Vila Franca de Xira iniciam uma greve pelo pão e pelos géneros e aderem à marcha da fome proveniente de Alhandra.

# Sempre com os trabalhadores

Viviam-se tempos difíceis nesses anos trinta. Adensava-se a noite fascista, a repressão e exploração do povo trabalhador.

Em 1 de Janeiro de 1934, o fascismo publica o «Estatuto do Trabalho Nacional», ilegalizando os sindicatos livres. O operariado da Marinha Grande é brutalmente reprimido pelo regime e o patronato impante, cômico duma conjuntura política favorável, impunha a sua lei nas relações de trabalho, escudado num governo que, às reivindicações laboriais, respondia com o despedimento, a masmorra e o degredo.

É neste quadro político-social que Soeiro Pereira Gomes vive em Alhandra. Operários que labutam sob nuvens poluentes, analfabetos e subnutridos, com os pulmões progressivamente betonados pelo pó do cimento, arrastando o sofrimento resultante da contradição entre os seus interesses e a ordem corporativista que os oprimia e explorava.

Sentindo profundamente o drama social que o cercava, Soeiro decide juntar-se ao PCP. Em 1935, o «Avante!» editava-se mensalmente e a mensagem que difundia, alimentava e robustecia o ânimo daqueles que, como ele, buscavam uma trincheira firme de combate político à bestialidade fascista.





**Cronologia**  
**das Lutas Sociais**  
**no Baixo**  
**e Alto Ribatejo**  
**entre 1943 e 1947**

Em 24 de Julho de 1944, 800 rendeiros da Quinta da Goucha, em Almeirim, fazem uma concentração em protesto contra o novo regime florestal do governo.

Em Outubro de 1944, os operários agrícolas de Alpiarça exigem novas condições de trabalho.

Em Novembro de 1944, a população de Montalvo (Constância) junta-se frente à Câmara Municipal protestando contra a falta de géneros.

Em Novembro de 1944, as populações de Alpiarça e de Lume (Chamusca) concentram-se contra a falta de géneros.

Em 6 de Novembro de 1944, as mulheres de Coruche fazem uma concentração de protesto contra a falta de géneros.

Em 16 de Novembro de 1944, os operários agrícolas de Romeira (Santarém) recusam-se a trabalhar e concentram-se na praça de jorna exigindo aumento de salário.

Em 22 de Dezembro de 1944, os operários dos concelhos de Lisboa, Azambuja, Loures e Vila Franca de Xira recusam-se, em massa, a contribuir com uma hora suplementar para a campanha do Socorro de Inverno.

Em 22 de Dezembro de 1944, os trabalhadores da zona de Santarém recusam-se, em massa, a contribuir com uma hora suplementar para a campanha do Socorro de Inverno.

# O militante comunista e intelectual revolucionário

No final dos anos trinta, Soeiro adere ao PCP, ingressa na célula da empresa e pouco depois integra o Comité Local de Alhandra.

Dinâmico, entusiasta e abnegado, multiplica a sua intervenção, participando activamente na vasta acção cultural impulsionada pelo Partido em todo o Baixo Ribatejo, em articulação com o trabalho clandestino da organização.

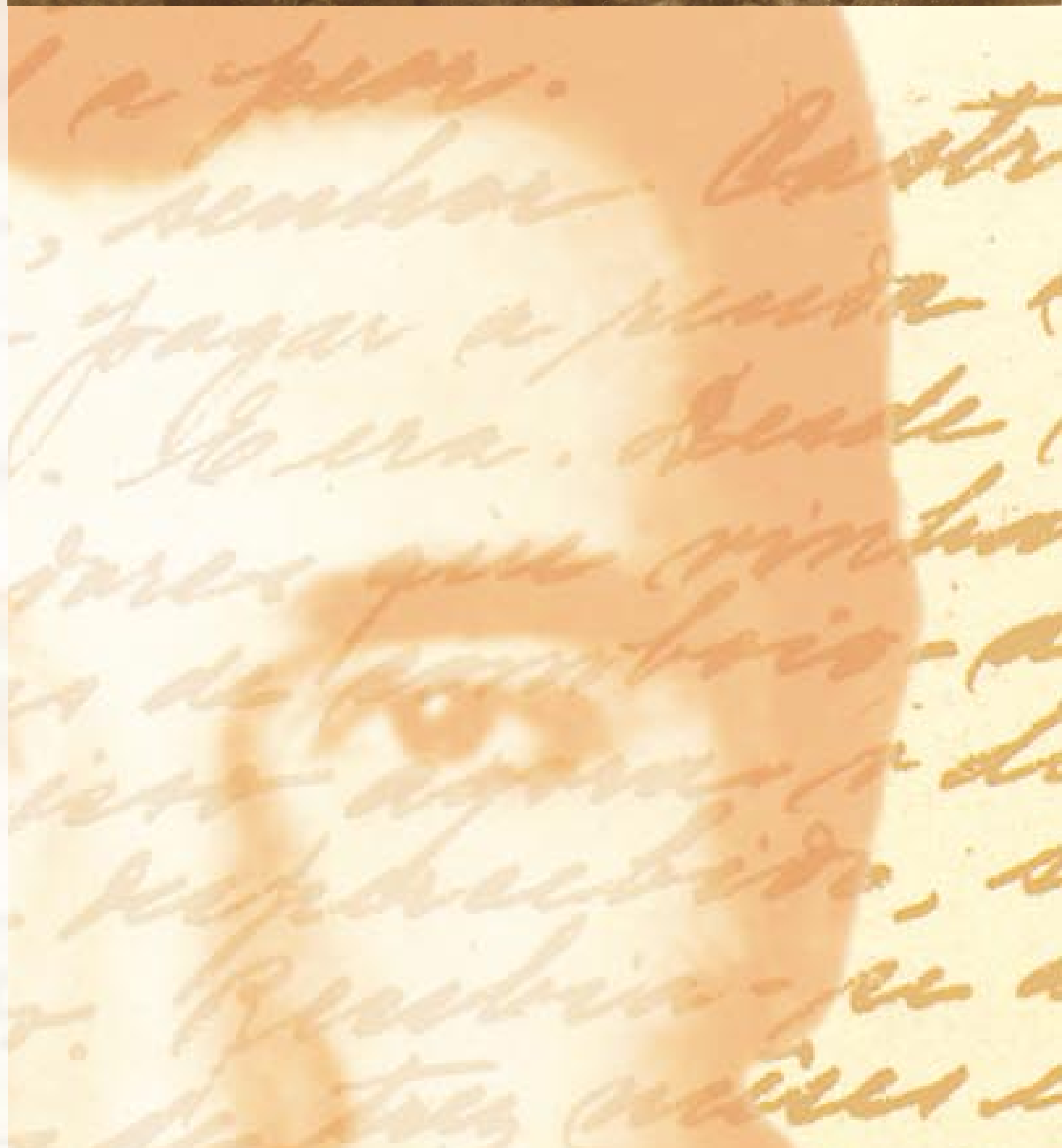
Pioneiro do movimento neo-realista cuja consolidação se acentua a partir de 1939, Soeiro Pereira Gomes colabora nos periódicos «Sol Nascente» e «O Diabo», enriquecendo esse momento de viragem da literatura portuguesa.

Na sua casa de Alhandra juntam-se, entre outros, Alexandre Cabral, Sidónio Muralha, Alves Redol, homens para quem a cultura e a acção política se conjugavam intimamente na luta contra o regime fascista.

Soeiro não se quedava no círculo intelectual de amigos. Organizava cursos de ginástica para os operários da «Cimento Tejo», ajudava a criar bibliotecas populares nas sociedades recreativas do Baixo Ribatejo e dava corpo ao projecto de construção duma piscina (a charca), para o povo de Alhandra, onde se forjaria essa figura da natação portuguesa (o Ginêto dos «Esteiros»), o comunista Baptista Pereira.

Juntamente com Alves Redol e Dias Lourenço, promoveu e animou inúmeras excursões de fragata no Tejo onde, a pretexto da confraternização revolucionária se aglutinavam intelectuais e se estabelecia o contacto político fora das vistas do inimigo.

A fragata e a bateira transformaram-se então em verdadeiras casas de apoio ao trabalho conspirativo, nas duras condições de luta clandestina.





## Cronologia das Lutas Sociais no Baixo e Alto Ribatejo entre 1943 e 1947

Em 15 de Janeiro de 1945, os operários agrícolas de Benavente reúnem-se junto à Câmara Municipal, protestando contra a falta de géneros.

Em Fevereiro-Março de 1945, os operários de várias empresas da região de Lisboa elegem comissões que junto do patronato exigem aumento de salário, casos de Companhia Cimento Tejo, Fábrica Manuel Pereira Júnior, etc.

Em 7, 8 e 9 de Maio de 1945, as populações de Sacavém, Póvoa de Santa Iria, Alhandra e Vila Franca de Xira vitoriam a derrota nazi e são impedidas pela GNR de organizar marchas.

Em 7, 8 e 9 de Maio de 1945, as populações de Almeirim, Alpiarça e Santarém, vitoriam a derrota da Alemanha nazi, clamando por democracia, eleições livres e libertação dos presos políticos.

Em Julho de 1945, os trabalhadores de Alpiarça, Vale de Figueira e Alcanhões, em Santarém, fazem reuniões, elegem as suas comissões e exigem trabalho na respectiva Casa do Povo.

Em Dezembro de 1945, as operárias têxteis da Fábrica de Juta, em Alhandra (Vila Franca de Xira), reclamam contra o não pagamento do feriado do 1º de Dezembro.

# O dirigente comunista

Entre 1940 e 1942, Soeiro Pereira Gomes participa na reorganização do PCP e passa a fazer parte do Comité Regional do Ribatejo, que integrava Dias Lourenço e Carlos Pato.

É neste período que é dado à estampa um dos mais belos romances da literatura nacional, onde se abordam aspectos fundamentais da transformação da sociedade portuguesa da época. «Esteiros», editado pela Sírius em Novembro de 1941, com ilustrações de Álvaro Cunhal, testemunha a maioria literária de Soeiro Pereira Gomes.

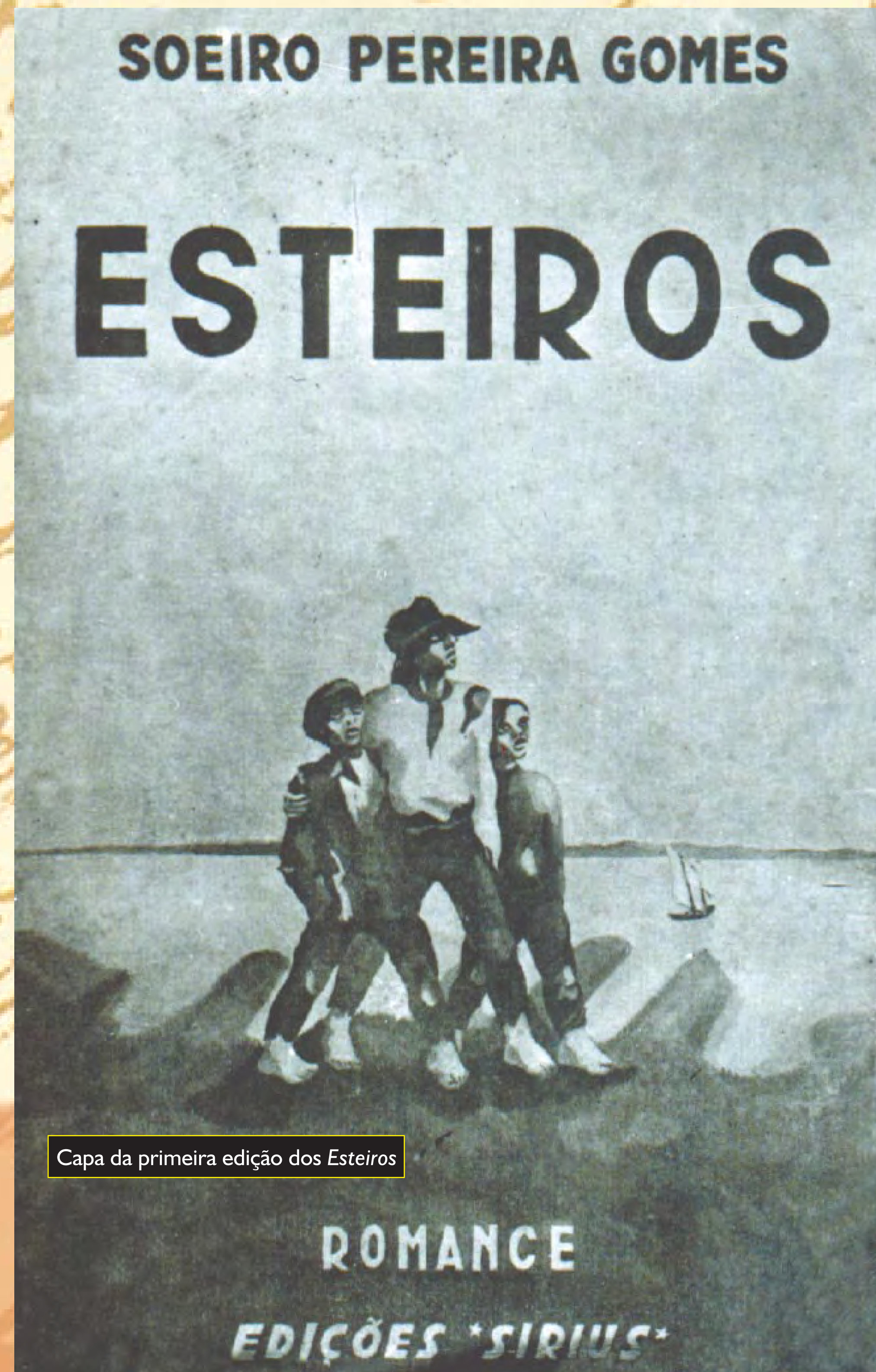
Contudo, o ano de 41 ficaria tristemente assinalado, entre as gentes de Alhandra, por um devastador ciclone que pôs em risco as vidas dos pobres assalariados agrícolas dos Mouchões, e em cujas operações de salvamento Soeiro se empenhou intensamente, roubando à catástrofe os «filhos dos homens que nunca foram meninos».

Entretanto, prosseguia o holocausto nazi que mergulhava o mundo em dor e ruínas, ao mesmo tempo que a germanofilia salazarista tudo fazia para impedir o conhecimento dos crimes hitlerianos: as tabernas, cafés e outros lugares públicos estavam proibidos de ligarem os aparelhos de rádio à BBC à hora das emissões em língua portuguesa (21 horas).

Por isso, Soeiro Pereira Gomes, residente numa pequena moradia de um só piso, abria a janela da sala em que tinha a telefonia para que muitos populares pudessem escutar, disfarçadamente, o que Londres informava sobre a evolução da Segunda Guerra Mundial.



Efeitos devastadores do ciclone de 1941 no Ribatejo



Capa da primeira edição dos Esteiros





## Cronologia das Lutas Sociais no Baixo e Alto Ribatejo entre 1943 e 1947

Em Março de 1946, as operárias têxteis da Fábrica de Fiação e Tecidos de Tomar, recusam-se, em conjunto, a fazer horas extraordinárias com aumento de 25%. Conseguem 50%.

Em Março-Abril de 1946, os mineiros de carvão em Rio Maior promovem uma concentração de protesto contra a falta de géneros.

Em 23 de Março de 1946, uma comissão de 50 mulheres de Azinhaga (Golegã), apresenta às autoridades um protesto contra a falta de géneros, no que são secundadas pelas mulheres de Alcanena e Chamusca.

Em 9 de Abril de 1946, os democratas, organizados pelo MUD, promovem concentrações e romagens comemorativas do 9 de Abril em Santarém, Tomar e Torres Novas.

Em Maio de 1946, as populações de Pernes e de Casais Lagarto, no Cartaxo, protestam em massa contra a falta de géneros.

Em 8 de Maio de 1946, milhares de pessoas comemoram na capital o 1º aniversário da derrota do nazismo, o mesmo tendo acontecido em Sacavém, Póvoa de Santa Iria, Vialonga, Alhandra e Vila Franca de Xira.

Em Junho de 1946, as mulheres de Vale de Cavalos e Tomar exigem na rua pão e protestam contra a falta de géneros.

Em Agosto de 1946, as operárias têxteis da Fábrica de Juta, em Alhandra (Vila Franca de Xira), conseguem que a Caixa Sindical lhes forneça medicamentos, um subsídio de 7500 às mulheres doentes, posto médico e tratamentos.

Em 1944, Soeiro começava a escrever «Engrenagem», livro que não teria tempo de concluir, dado o novo rumo que o seu quotidiano tomava a partir de então.

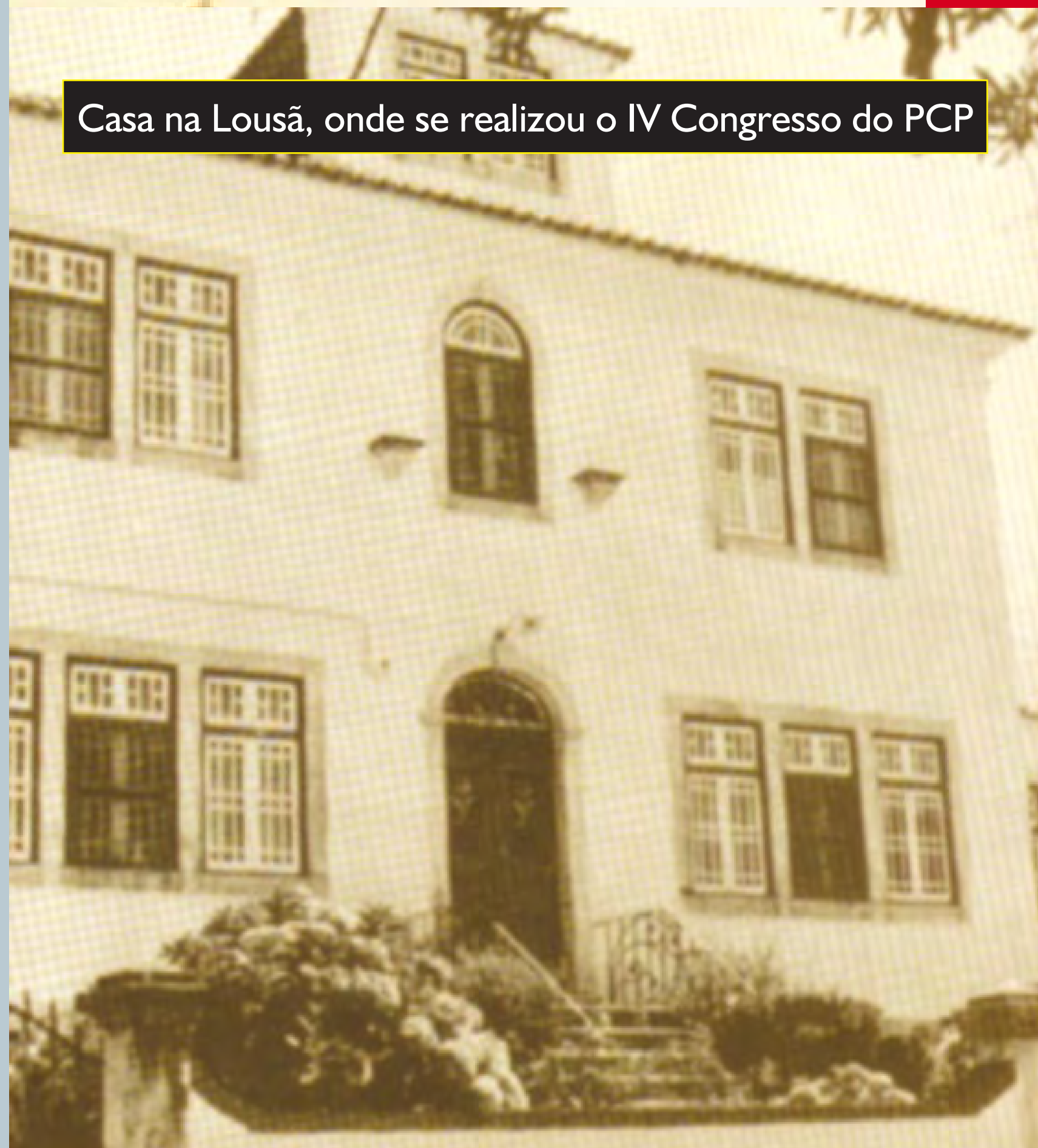
Nas greves de 8 e 9 de Maio desse ano, o escritor, o empregado de escritório, o militante comunista, estava, como membro do Comité Regional da Greve do Baixo Ribatejo, no meio dos trabalhadores em luta.

Por isso, inexoravelmente, a PIDE urdia a trama e apertava o cerco no intuito de capturá-lo. Tivera conhecimento prévio do movimento grevista e aprontava a cilada a Soeiro Pereira Gomes. Mas o intelectual revolucionário vence essa situação quando, na tarde de 11 de Maio de 1944, mergulha na clandestinidade.

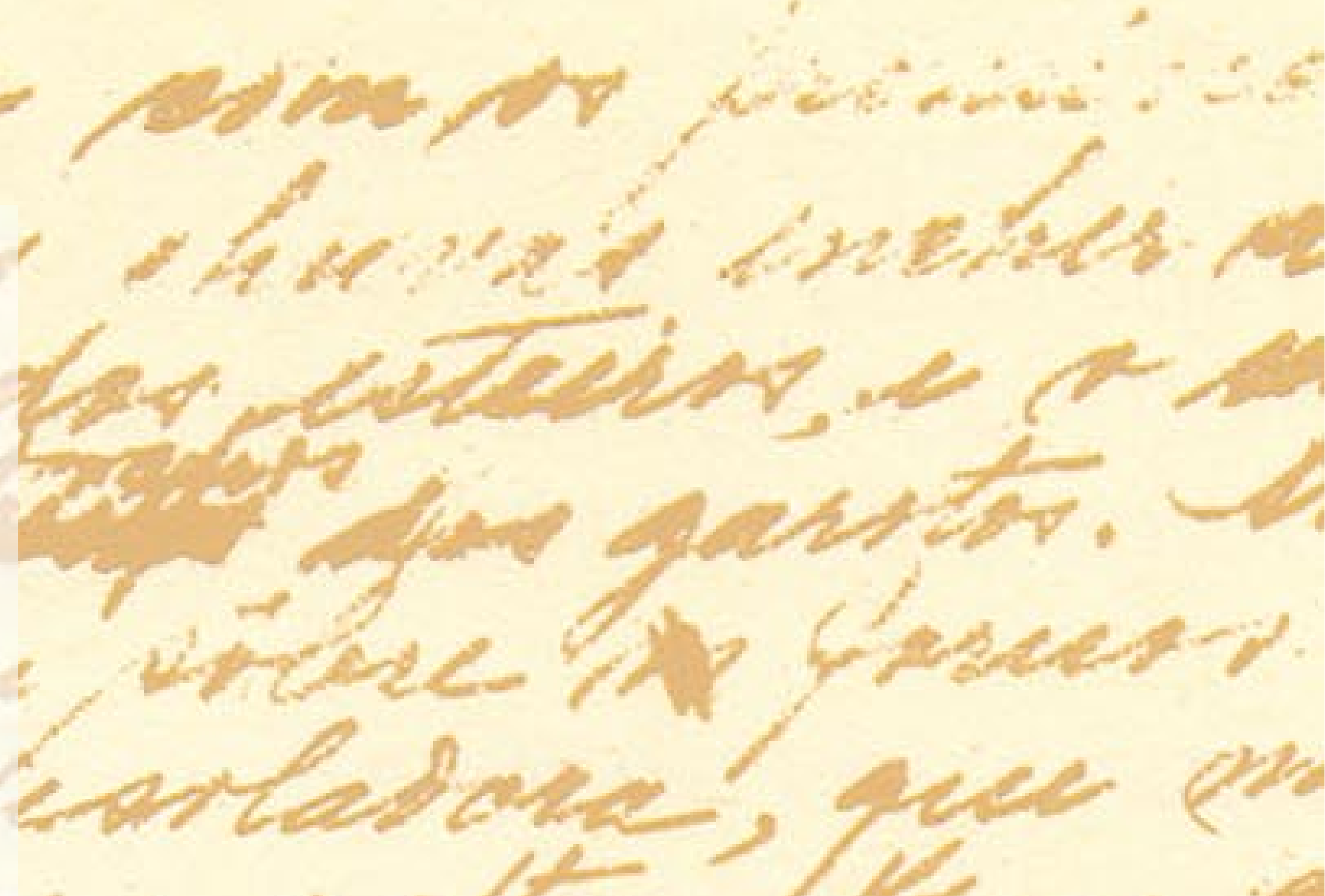
Nessa situação é-lhe confiada a Direcção Regional do Alto Ribatejo, entretanto criada, e onde ainda hoje a sua influência é recordada no alargamento da organização do Partido.

Acabada a Segunda Guerra Mundial, o PCP realiza o seu IV Congresso na Lousã, em Julho de 1946, sendo Soeiro Pereira Gomes eleito para o Comité Central.

Aí se definiram as vias para o derube do fascismo e se reafirmou a política de unidade nacional antifascista, cabendo a Soeiro novas e acrescidas responsabilidades nessa frente.



Casa na Lousã, onde se realizou o IV Congresso do PCP

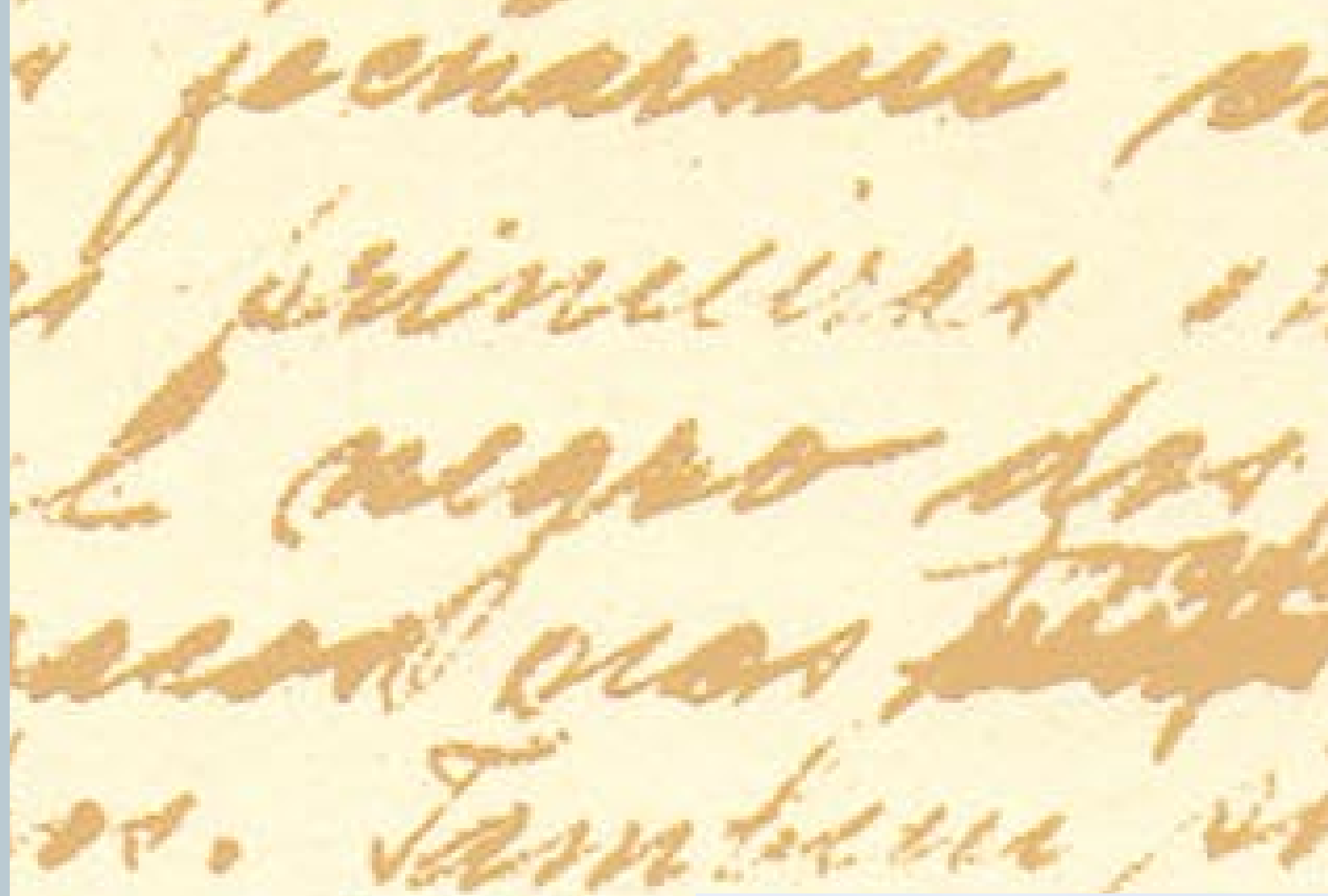




## Cronologia das Lutas Sociais no Baixo e Alto Ribatejo entre 1943 e 1947

Em Outubro de 1947, os operários agrícolas de Azóia de Cima (Santarém), unidos na sua comissão de praça, recusam as ofertas dos agrários e exigem aumento de salário para a apanha da azeitona.

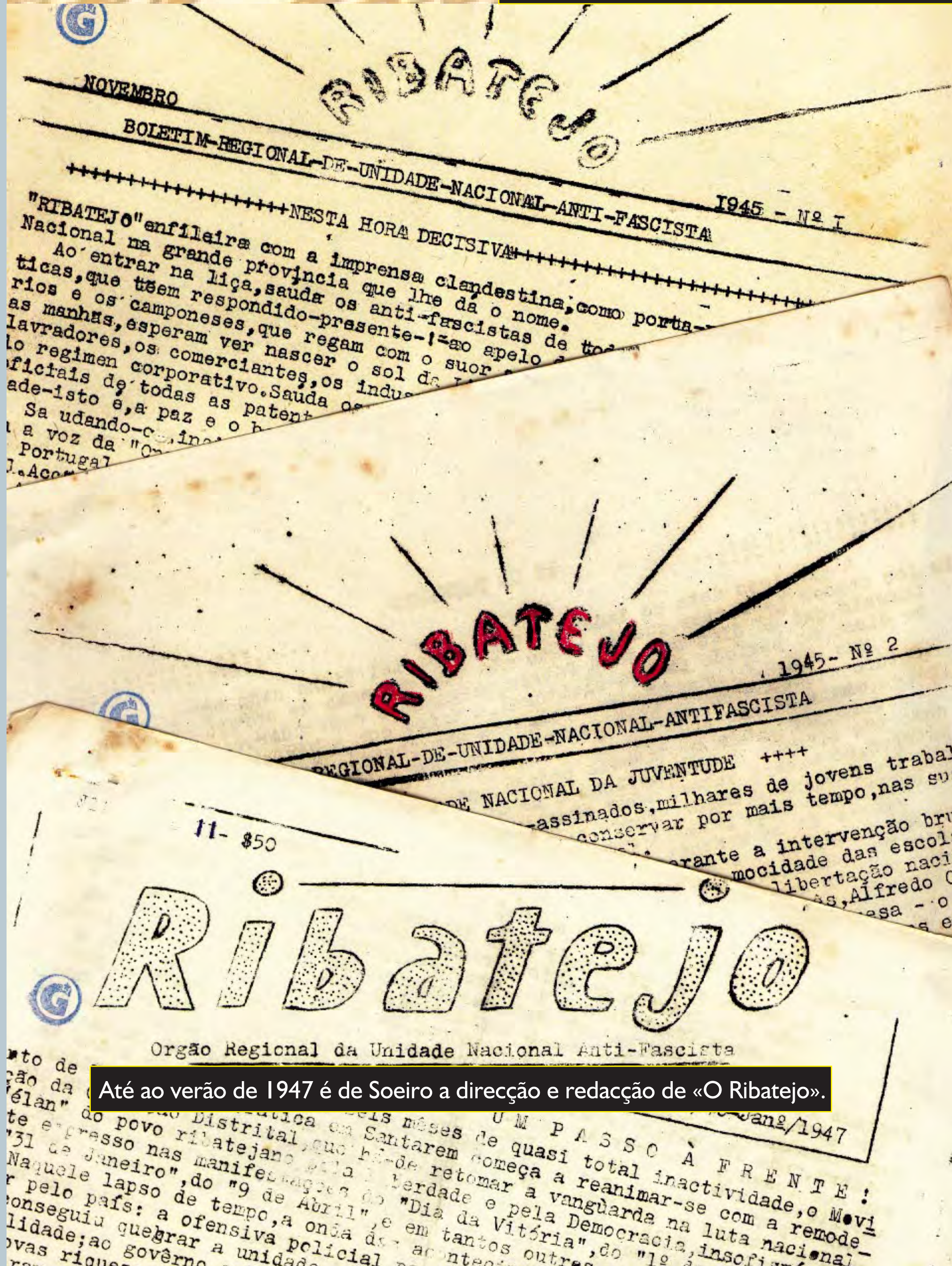
Em Novembro de 1947, os operários agrícolas de Rio Maior iniciam uma greve por aumento de salários, à qual aderem os ranchos alentejanos de São Torcato e Foros da Branca, entretanto contratados para desmobilizar os trabalhadores do Ribatejo.



Local onde existia uma tipografia clandestina



Soeiro Pereira Gomes, a partir deste moinho, sito entre Vaqueiros e Pernes, como responsável do Comité Regional do Ribatejo, promoveu a constituição e o acompanhamento, entre 1945 e 1946, dos Comités Locais de Santarém, Vale Figueira, Alpiarça, Rio Maior, S. João da Ribeira, além de núcleos na Marmeleira e na Ribeira de Santarém.



### “Nesta hora decisiva”

“RIBATEJO” enfileira com a imprensa clandestina, como porta voz da Unidade Nacional na grande província que lhe dá o nome.

Ao entrar na liça, saúda os anti-fascistas de todas as tendências políticas, que têm respondido presente! ao apelo da Democracia.. Saúda os operários e os camponeses, que regam com o seu suor a terra ribatejana, e que, todas as manhãs, esperam ver nascer o sol da Liberdade. Saúda os intelectuais, os lavradores, os comerciantes, os industriais e os funcionários, espoliados pelo regimen corporativo. Saúda os soldados filhos do Povo os sargentos e os oficiais de todas as patentes que saibam servir a Pátria, servindo a Liberdade isto é, a paz e o bem-estar de todos os portugueses."

Fonte: Ribatejo Boletim Regional de Unidade Nacional Antifascista Novembro 1945 N.º1

Em Agosto de 1946, Soeiro elabora um «esboço sobre a maneira como utilizar as praças de jornas ou praças de trabalho no Movimento de Unidade Camponesa para o derrubamento do fascismo» e, pouco depois, é destacado para o Sector de Lisboa, onde se torna membro da Comissão Executiva do Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista (MUNAF), ao mesmo tempo que acompanha a actividade dos camaradas que actuavam no MUD (Movimento de Unidade Democrática).

Era elemento de ligação do Partido com o Conselho Nacional de Unidade Antifascista, quando adoece com uma doença cancerosa num pulmão. Ainda participa no início da campanha presidencial de Norton de Matos em 1949, mas, implacavelmente, a doença progredia veloz minando-lhe a resistência física, esgotada em 5 de Dezembro de 1949.



Há 50 anos, finava-se aquele que introduziu o mundo do trabalho operário na temática da literatura portuguesa. Tombou a caneta de tinta verde do Serrano, do Silva, do Vaz, pseudónimos simples de um só grande vulto, Joaquim Soeiro Pereira Gomes. Desapareceu assim o combatente comunista e intelectual revolucionário. Permanece e enriquece-nos o exemplo da sua vida, do seu testemunho, da sua obra.



Casa em Lisboa onde varios camaradas se despediram de Soeiro, antes da sua morte

O Avante noticiou assim o desaparecimento de Soeiro Pereira Gomes:



### Morreu Joaquim Soeiro Pereira Gomes!

No passado dia 5 de Dezembro faleceu o membro do Comité Central do Partido Comunista e conhecido escritor revolucionário, Joaquim Soeiro Pereira Gomes, que nas fileiras do Partido usou os pseudónimos de **Serrano, Silva e Vaz**.

Soeiro Pereira Gomes além de escritor de vanguarda e autor dos romances «Esteiros» e «Companheiros», o primeiro contando já 3 edições, e o segundo ainda inédito, foi um militante destacado do Partido desde a reorganização de 1942, e ingressou nos seus quadros ilegais em 1944, após as greves de 8 e 9 de Maio, no Ribatejo, em que teve uma participação activa como quadro do Partido e como empregado da Cª. de Cimento Tejo.

O nosso querido camarada Soeiro Pereira Gomes morreu vitimado por uma doença grave, que não pôde ser tratada a tempo, devido à vida clandestina e à perseguição feroz de que era alvo por parte da PIDE, que tinha mandado para as autoridades de todas as localidades do Ribatejo o seu retrato, e aí o procurava activamente. Sentindo bem os sofrimentos e a exploração de que é vítima a classe camponesa ribatejana, Pereira Gomes realizou junto do campesinato ribatejano um intenso trabalho de organização e mobilização, que o destacaram como quadro do Partido e o tornaram querido das massas camponesas. Pereira Gomes foi também um defensor estremo da Unidade anti-fascista, e um dos obreiros das grandes jornadas de luta do nosso povo quando do movimento da candidatura do Sr. General Norton de Matos.

Com a morte prematura do nosso querido camarada VAZ, o Partido perdeu um dos seus quadros de direcção central, a classe operária um combatente de vanguarda, o povo português um seu defensor activo e abnegado, e a intelectualidade progressiva portuguesa, um dos seus valores mais representativos.

O nosso querido camarada Pereira Gomes foi um companheiro de luta que bem cedo tombou no caminho, sem ter conseguido ver realizada a sua grande ambição: o raiair sobre a terra portuguesa da alvorada da Paz, da Liberdade e da Democracia, por que tanto lutou. Outros seguirão os seus passos e prosseguirão na luta até à vitória final, prestando desta forma a mais justa e mais sentida homenagem ao seu grande coração e ao seu grande amor ao nosso povo.



Monumento em Alhandra em memória de Soeiro Pereira Gomes



JARDIM  
JOAQUIM SOEIRO PEREIRA GOMES  
1909 - 1949  
ESCRITOR  
LUTOU E DEU A VIDA PELOS  
FILHOS DO Povo  
QUE NUNCA FORAM MENOS  
9-11-1974 Do Povo de Alhandra